

MAL ESTAR, LAÇO SOCIAL E ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA PARA A EDUCAÇÃO

Autora: Cláudia Maio Antonelli

Orientadora: Prof. Dra. Giseli Monteiro Gagliotto

O resumo apresenta, excertos, de nossa pesquisa de mestrado em Educação, com objetivo de discutir o mal-estar, o laço social e a adolescência a partir dos fundamentos da teoria psicanalítica, em conexão com o campo educacional. Pretendemos produzir conhecimento e compreensão do novo laço social e seus impactos na educação do adolescente, na contemporaneidade. Quais relações entre o mal-estar na adolescência contemporânea e o laço social, que emergem como (im) possibilidades frente à formação educacional do adolescente?

É, frequente, em nossa prática como psicóloga e professora universitária, fazer a escuta de pais, professores e pedagogos, sobre o incômodo gerado pela impossibilidade de conexão com adolescentes. Muitos apresentam sintomas como o fracasso escolar, epidemia de drogas, agressões inusitadas, ansiedade, depressão, automutilação e suicídio. Estes sintomas, sugerem manifestações do levante de um novo laço social, a partir do século XXI, com o advento da globalização, em todo o mundo. Vivemos a hegemonia dos laços horizontalizados, despidos de sentido hierárquico que, outrora era a base estruturada da sociedade moderna.

A contemporaneidade apresenta a todos nós, uma epidemia agressiva que os nossos velhos códigos não estão lendo mais. A Psicanálise de hoje, está para além da clínica. Ela se preocupa com inúmeras manifestações do laço social: na família, nas empresas, na escola, na política e em toda a sociedade. Buscamos, na ciência psicanalítica, novas formas de lidar com o mal-estar, principalmente, no desafio complexo na tarefa de educar (FORBES, 2012, p.14).

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica, apoiado no viés social da psicanálise, através dos escritos de Freud, Lacan e autores contemporâneos, nas categorias: adolescência, educação e psicanálise. O método adotado é o Materialismo Histórico Dialético, que propicia a visão de homem enquanto ser social e histórico, determinado por contextos econômicos, políticos e culturais, bem como transformador desses contextos. De acordo com Tambara

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

(2000), a pesquisa sob esse método deve contemplar a concretude entendida como a

UNIOESTE Francisco Beltrão-PR claudiamaior@gmail.com

UNIOESTE Francisco Beltrão-PR giseligagliotto@gmail.com

historicidade do ser, de modo a considerar a complexa realidade social presente nos vários momentos históricos.

A adolescência, de acordo com Ariès (1973), é um conceito recente, inventado pela cultura ocidental, no final do século XIX e consolidado em seu sentido atual no século XX, designando um período particular da vida de um indivíduo, situado entre a infância e a idade adulta; reflete o contexto histórico social vivido pelo jovem numa determinada cultura e época.

Muito embora, Freud não ter utilizado o termo adolescência em sua obra, no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), refere que a puberdade representa o momento de conclusão do desenvolvimento sexual, para sua última etapa, a Fase Genital. Na puberdade as pulsões parciais infantis atingem uma unificação, a serviço da reprodução, sendo um momento crítico, que pode propiciar psicose.

Para Knobel (1981), entrar no mundo adulto, situação desejada e ao mesmo tempo temida, significa a perda definitiva de sua condição de criança, encenada pelo luto do corpo infantil e dos pais idealizados. As mudanças levam a uma nova forma de relação com os pais e com o mundo, período que pode ser confundido com um estado patológico. Há aspectos esperados na adolescência, que não configuram um quadro “anormal”, mas a “Síndrome Normal da adolescência”, caracterizada pelo autor, como busca da identidade, a atitude social reivindicatória, as contradições sucessivas na conduta e as constantes flutuações de humor.

Desconstrói-se então a visão patologizada do adolescente e amplia-se a compreensão desse processo evolutivo. “As descrições idealizadas, ou os preconceitos denigratórios ou persecutórios com respeito à adolescência não ajudam nem o sociólogo, nem o educador, nem o psicólogo ou psiquiatra”. (KNOBEL 1981, p. 59).

Na obra “Mal-estar na civilização” (1930/1996), Freud afirma que, participar do laço social é, necessariamente, fonte de contínuo sofrimento da humanidade, uma vez que implica a renúncia de exigências pulsionais, em prol dos ideais culturais. A adolescência se aproxima

Programas organizadores



III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

desse mal-estar, pois o jovem terá que renunciar à suas fantasias incestuosas e agressivas, para poder se reencontrar em outros objetos simbólicos de seu desejo.

Para a psicanálise, a constituição do sujeito está intimamente ligada às relações objetais primárias, no simbolismo do complexo de Édipo. Lacan (1957-58/1999) descreve o que chamou de metáfora paterna a partir da função simbólica do pai como “Nome” (Lei) e a da mãe como “Desejo”, a criança se posicionará frente ao mundo.

Assim, cabe ao adolescente, desenvolver um trabalho psíquico em direção a um lugar que não o lugar infantil. Para se tornar um “adulto”, deverá reconhecer a impossibilidade de realizar seu desejo edipiano infantil pela interdição do pai. Inscreve-se aí, a “falta”, que deslocará o desejo e a necessidade de amparo, para representantes no laço social (Outro). Essa falta é necessária e fundante do sujeito, pois dela deriva o “desejo” que é indispensável vida.

Sobre essas representações simbólicas na cultura, muitos autores psicanalíticos problematizam um fenômeno da atualidade, que se interpõe na adolescência contemporânea, o “declínio da função paterna”:

“Na época contemporânea assiste-se a uma decadência dos grandes referenciais de avaliação que cimentavam o mundo social. Se antigamente as escolhas dos sujeitos eram norteadas pelos sólidos códigos de interpretação ofertados pela tradição, pela autoridade ou pela religião, hoje se observa um desmoronamento das balizas que conferiam coesão à sociedade” (LUSTOZA, CARDOSO E CALAZANS, 2014, p. 2).

Tal falência das figuras de autoridade, impacta em condutas desprovidas de interdição e remete, a uma nova configuração, da formação de crianças e adolescentes, bem como no seu mal-estar, derivado da insegurança nas relações representativas de autoridade, e da busca ilimitada por “gozos”, virtualmente, produzidos. O gozo foi inicialmente ligado ao prazer sexual, mas também implica a ideia de uma transgressão da lei: desafio, submissão ou escárnio, ao qual o sujeito permanece subjugado (RODINESCO, 1998).

O discurso capitalista, nomeado por Lacan (1972), postula que os sujeitos vivem e são educados para uma sociedade que os objetaliza, induzindo-o ao individualismo consumista, precisam “ter” objetos de gozo para não serem alijados do social. Gurski (2016), salienta:

Programas organizadores



III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Esse discurso não promove propriamente o laço social, mas ao contrário através de uma parceria desconectável-a-qualquer-momento, promove uma ilusão de completude ofertando ao sujeito objetos de consumo curtos, rápidos e descartáveis- ainda que isso gere tédio, tristeza, falta de sentido na mesma velocidade que estão sendo consumidos. Assim o adolescente se vê perdido entre o imperativo macro do capital e o micro de sua tribo ou rede. Contrariamente ao discurso do mestre de Lacan, o discurso do capitalismo, não regula o laço social é um discurso sem lei, que rejeita a “castração” e produz segregação (p. 159).

Também está presente, no discurso atual, o apagamento das diferenças geracionais, devido ao ideal de juventude eterna dos adultos. É no encontro com o velho, que o jovem pode se diferenciar e criar algo novo e seu. Na carência desse lugar, o jovem busca nos grupos, nas tribos, uma identificação, que mesmo necessária, não deve ser contínua, pois também segrega a diferença. Diante dessa indefinição e do desamparo, a resposta do jovem à ordem do mundo adulto, apresenta-se como marcas no corpo, depressões, suicídios, vício em internet, violência, erotização extremada e a desqualificação da autoridade. (GURSKI, 2016 e LESOURD, 2014).

Diante do exposto, como o educador de adolescentes pode exercer seu papel? Há uma celebre afirmação de Freud, que alude a educação como algo do “impossível”, por ter como principal instrumento, a palavra, a qual apresenta-se sempre não apreendida em sua dimensão total. Toda a linguagem traz elementos inconscientes que escapam ao sujeito, impossibilitando alcançar um discurso completo. Entretanto, há espaço para o pensar psicanalítico na educação.

Outeiral (2005), entende que “A escola, a sala de aula, é um lugar imaginário, mais além do espaço real de cadeiras, classes e salas” (p.10). O professor, quando revestido de uma importância especial pelo aluno, obtém grande influência, uma vez que esse colocará seu mestre como substituto das suas figuras parentais, capaz de representar e exercer principalmente a função paterna (p. 54).

O conceito Lacaniano de Outro, consiste na referência a uma alteridade, que afirma a noção de um Eu diferenciado. Considerando a escola um elemento social constituinte do sujeito, um Outro, que tem a possibilidade de inscrever, modificar ou ainda fazer definhar o desejo do aluno, Alberti (2004), explica:

Não há escola que prescindia de indicativos, direções, determinantes, que lhe são anteriores. O sujeito recebe ao longo de sua infância (e adolescência), dos pais,

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

educadores, colegas, meio de comunicação, enfim do mundo a sua volta, através do que lhe é transmitido pela linguagem falada, escrita, visual comunicativa ou ainda pelo silêncio (p.10)

Fica evidente a importância da educação, da escola e do educador na adolescência, na medida do encontro com mestres, aqui entendidos como figuras, instituições, discursos presentes na cultura, que inspiram e orientam o jovem.

No laço do adolescente com escola e, principalmente, na relação aluno-educador, a psicanálise indica o fenômeno da transferência, que diz respeito ao afeto direcionado à essa relação, baseado em registros simbólicos anteriores de cada sujeito. O estabelecimento da transferência na dupla educativa é fundamental para que a aprendizagem seja barrada ou facilitada. De acordo com Gutierrez (2003):

O processo de atribuir ao professor um lugar especial, contribui com a aprendizagem. Isso porque ao verificar o ‘brilho’ nos olhos de seu professor na relação com o objeto do saber, o aluno passa a desejar o objeto de desejo desse professor, e a forma com que lidará com esse poder que lhe é atribuído marcará um tipo de educação: ou mais voltada para o campo da alienação ou visando a separação. (p. 84).

É plausível considerar que a tarefa “impossível” do educar, não se refere a uma impotência ou irrealização, mas ao falso controle que a educação detém sobre o aluno. O educador deve considerar sua subjetividade e a subjetividade do aluno, reconhecendo-se como sujeito desejante, capaz de ser motor do desejo do aluno, em direção a uma postura não alienada à reprodução de certezas dogmáticas. As vicissitudes encontradas na educação - fracasso, recusa, tédio, mal estar - também são decorrentes da pretensão de muitas teorias educacionais e psicológicas, em explicar o sujeito e a educação em cunho predominantemente biológico ou imerso em ideologias.

Entendemos que a adolescência, enquanto etapa de transição, implicada à demandas da cultura contemporânea, tem manifestado mal estar, que se expressa também, no contexto educacional. A psicanálise contribui na medida em que, permite novos interrogantes para compreender o educando, levando em conta as influências do laço social e singularidades do desejo. Não deverá servir ao educador, como um guia estanque, sobre as fases psicosssexuais de

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação



desenvolvimento humano, mas como um pensar, que acata o não-saber sobre o outro e sobre o mundo, permitindo a emergência do sujeito do inconsciente.

A relação do mestre com o aluno, deverá se sustentar como significativa e com dupla função: ser um “continente” para o desamparo do jovem bem se inscrever como um outro “faltante”, para possibilitar a passagem do adolescente à autonomia. A escola, enquanto espaço socializador e formador, tem sofrido com a imposição capitalista de produzir indivíduos adaptáveis e empregáveis, obedecendo à ordem utilitarista de formar para o mercado atual. Em consequência, perde de vista o humano e privilegia a objetificação e alienação na cena educacional.

Palavras Chave: adolescência; psicanálise; educação, mal estar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. *Adolescência Normal*. P. Alegre: Artmed, 1981.

ALBERTI, S O adolescente e o outro. Rio de Janeiro, Zahar, 2004

ARIÉS, P.. *História social da criança e da família*. 2ª ed., RJ: Guanabara: 1973.

FORBES, J. *Inconsciente e responsabilidade: psicanálise do século XXI*. Barueri-SP: Manole 2012.

FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*. Edição standard brasileira das obras completas, vol. VII. RJ: Imago, 1996.

FREUD, S. *O mal-Estar na civilização (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1930).

GURSKI, R. *Psicanálise Implicada: educar e tratar o sujeito*, in MEDEIROS, C. e ALMEIDA, S. (orgs). Curitiba: Juruá, 2016.

GUTIERRA, B. C. *Adolescência, psicanálise e educação: o mestre "possível" de adolescentes*. SP. Avercamp: 2003.

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

LACAN, J. Le savoir du Psychanalyste. Aula de 06/01/72. Publicação interna da Association Freudienne Internationale. 1972.

LACAN, J. O seminário: Livro 5: *As formações do inconsciente*. RJ: Zahar, 1999.

LESOURD, S. Adolescentes difíceis ou dificuldade da cultura in Gurski, R; Rosa, M e Poli, M.C. (orgs). Debates sobre a adolescência contemporânea e o laço social.

LUSTOZA, R., CARDOSO, M., & CALAZANS, R. (2014). "Novos sintomas" e declínio da função paterna: um exame crítico da questão. *Ágora:17(2)*, 201-213. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000200003> consultado em 04/06/2020

OUTEIRAL, J. & CEREZER, C. O mal estar na escola. Campinas, SP. Revinter: 2005.

ROUDINESCO, E. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

TAMBARA, E. Problemas teórico - metodológicos da História da Educação. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. (Orgs.). História e História da Educação: O Debate Teórico-Metodológico Atual. Campinas – SP: Autores Associados, 2000.

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGE_d
Programa de Pós-Graduação
em Educação